EXTRAPRENSA
CULTURA E COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

PERMANE(SENDO) NA CIDADE: VALORES, ATORES E AÇÕES DE PERMACULTURA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

IV SICCAL

[GT3 – TERRITÓRIO E CONFLITOS URBANOS]

Bárbara Machado Mazzetti
Universidade de São Paulo (USP)

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Fruto da junção dos ideais e da contração das palavras "agricultura" e "permanência", a Permacultura é uma filosofia que consiste em um conjunto de princípios de *design* para a "criação permacultural do espaço". A pesquisa objetivou verificar como ocorre e é praticada a Permacultura, enquanto cultura alternativa – e, no caso, urbana – pelas organizações e grupos presentes e atuantes no Município de São Paulo. Um mapa *online* interativo com dados das 38 organizações e grupos de Permacultura encontradas no Município foi elaborado e 6 entrevistas semi estruturadas abertas foram realizadas. A ocorrência de um fenômeno sociocultural de contracultura foi confirmada, baseando-se em valores compartilhados e traços de identidade cultural que se convergem, fortalecem e promovem vínculos entre atores, espaço público e práticas ecológicas.

Palavras-chave: Permacultura. Meio Urbano. Valores. Identidade. Município de São Paulo.

As a result of the junction of ideals and the contraction of the words "agriculture" and "permanence," Permaculture is a philosophy that consists of a set of design principles for the "permacultural creation of space". The research aimed to verify how Permaculture occurs and is practiced as an alternative culture - and, in this case, urban - by the organizations and groups present and active in the City of São Paulo. An interactive online map with data from the 38 organizations and groups of Permaculture found in the Municipality was prepared and 6 semi-structured open interviews were conducted. The occurrence of a socio-cultural counterculture phenomenon has been confirmed, based on shared values and traits of cultural identity that converge, strengthen and promote links between actors, public space and ecological practices.

Keywords: Permaculture. Urban Medium. Values. Identity. Municipality of São Paulo.

Fruto de la unión de los ideales y de la contracción de las palabras "agricultura" y "permanencia", la Permacultura es una filosofía que consiste en un conjunto de principios de diseño para la "creación permacultural del espacio". La investigación objetivó verificar cómo ocurre y se practica la Permacultura, como cultura alternativa -y, en el caso urbana, por las organizaciones y grupos presentes y actuantes en el Municipio de São Paulo. Un mapa *online* interactivo con datos de las 38 organizaciones y grupos de Permacultura encontrados en el Municipio fue elaborado y se realizaron 6 entrevistas semi estructuradas abiertas. La ocurrencia de un fenómeno sociocultural de contracultura fue confirmada, basándose en valores compartidos y rasgos de identidad cultural que se convergen, fortalecen y promueven vínculos entre actores, espacio público y prácticas ecológicas.

Palabras clave: Permacultura. Medio Urbano. Valores. Identidad. Municipio de São Paulo.

DOI: https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153459

Introdução

O presente artigo é fruto da dissertação de mestrado defendida no programa de Pós Graduação em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH USP – e reúne aqui os principais pontos de análise e reflexão. Como objeto de estudo para a pesquisa, a Permacultura foi escolhida por representar um movimento global que, somado a outros, traz a tendência pela busca de práticas alternativas mais sustentáveis e ecológicas no cotidiano das pessoas, seja no ambiente rural ou urbano. Permacultura significa cultura da permanência, onde, segundo Bill Mollison (2002), criador da Permacultura, busca-se trabalhar com a natureza e não contra ela, por meio da observação prolongada e pensativa, em vez de mão-de-obra prolongada e irrefletida; de olhar para plantas e animais em todas as suas funções, em vez de tratar qualquer área como um sistema de produto único. É uma filosofia e uma ciência de design ecológico, pautado por três princípios éticos: cuidar das pessoas – esfera social –, cuidar da terra – esfera ambiental – e partilhar os excedentes – esfera econômica. A Permacultura visa tornar os assentamentos humanos ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e economicamente viáveis, promovendo a autossuficiência por meio de uma gestão horizontal e colaborativa e da máxima utilização da matéria prima local, ou seja, que tudo que seja necessário para viver e se desenvolver possa ser utilizado e/ou produzido no próprio espaço permacultural. No meio urbano, sua atuação se volta para a redução dos impactos ambientais, resiliência e regeneração socioambiental, transição para a economia de baixo carbono, construção de políticas públicas e direito à cidade, além de técnicas e tecnologias que circulam desde o ambiente doméstico até áreas comerciais, promovendo soluções ambientais mais eficientes e integradas ao dia a dia.

A partir da revisão sobre a Permacultura, suas particularidades e seu trajeto histórico até o cenário atual no Brasil, a presente pesquisa visou, partindo da identificação de organizações e grupos de Permacultura no Município de São Paulo, compreender que valores em comum existem entre eles e quais as particularidades e desafios que enfrentam no espaço urbano em que estão inseridas. Em prol de verificar a existência de traços em suas identidades culturais que se convergem e se conectam, a pesquisa buscou compreender, por meio dos atores, valores e ações, como ocorre a promoção e difusão da Permacultura na Cidade. Dessa maneira, o problema central deste estudo esteve baseado em verificar a ocorrência de um fenômeno sóciocultural, ou seja, a crescente adesão à uma nova "filosofia de vida", enquanto cultura alternativa, por parte de algumas pessoas, comunidades e organizações, observando, assim, a Permacultura na sociedade e, mais especificamente, no meio urbano. A metodologia da presente pesquisa foi composta por autores e referências conceituais chave da área da Permacultura, como David Homlgren (2004) e Bill Mollison (2002) que trabalham o conceito de Permacultura, Joseph Jenkins (2005) e Jordi Romero (2002) que discorrem sobre a temática da Permacultura urbana, entre outros da área. Também foram consideradas ideias de autores como Richard Sennett (1999) e Milton Santos (1988), que fazem referência à relação entre natureza, sociedade e cidade e a metamorfose dos espaços habitados, entre outros autores que agregaram conceitos e reflexões pertinentes a esta investigação. Autores do campo dos Estudos

Culturais, como Stuart Hall (2013), Raymond Williams (1958), Amilcar Cabral (1984), entre outros, também foram importantes para este estudo, a fim de dar luz a algumas temáticas da área, a exemplo das identidades culturais, compreendida por Stuart Hall (2013) como pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história, sempre considerando, também, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial, tendo identidade como um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. Identidade cultural pode, então, ser entendida - para fins desta pesquisa - como a maneira e os valores com que o indivíduo ou grupo se reconhece e representa, seja por meio de ações práticas, colocações ideológicas ou representações artísticas.

Visando constatar e compreender como o tema de Permacultura é entendido no meio acadêmico em nosso País, a revisão bibliográfica feita sobre Estado da Arte da Permacultura no Brasil teve o intuito de clarear e identificar as linhas e as áreas de pesquisa estudadas dentro do tema central, Permacultura na Cidade de São Paulo, a fim de apresentar um rápido panorama sobre como este assunto está se desenvolvendo academicamente no Brasil e no Município de São Paulo, destacando, também, quais são as áreas de estudo comumente associadas à pesquisa em Permacultura e em qual âmbito são realizadas. Tendo em vista os objetivos específicos da pesquisa de primeiro: identificar as regiões do Município de São Paulo em que grupos e organizações de Permacultura ocupam e atuam, considerando quais as influências com seu entorno e como dialogam com o meio urbano; e como segundo objetivo: verificar a ocorrência de um fenômeno sociocultural ambiental e a existência de valores culturais compartilhados entre atores, grupos e organizações de Permacultura no Município de São Paulo, a presente pesquisa delimitou a amostra em função de considerar ao menos uma organização de cada zona da Cidade – Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro, considerando também a zona Virtual, tida para fins desta pesquisa como o ambiente online de compartilhamento de informações, organização e promoção de atividades e/ou divulgação profissional, por meio de sites, redes sociais e/ou plataformas de informação. A fase de identificação e mapeamento dos grupos e organizações de Permacultura existentes e atuantes no Município de São Paulo, realizadas por meio de pesquisa *online*, consistiu em compreender como as ações relacionadas à Permacultura estão distribuídas, como ocupam e como percorrem a Cidade. Este levantamento, que consistiu em identificar organizações e grupos de Permacultura existentes no Município de São Paulo, possibilitou a produção de um mapa virtual[1] de Locais e Grupos de Permacultura em São Paulo, elaborado pela autora e disponibilizado na *internet*, reunindo as 38 organizações, grupos, ações e movimentos de Permacultura que foram identificados entre os meses de Agosto de 2016 a Fevereiro de 2018. O mapeamento também viabilizou a aplicação de ferramentas metodológicas práticas, como a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas abertas, feitas com 6 das 38 organizações e grupos identificados previamente, a fim de compreender como começaram, em qual contexto, quais são seus objetivos, ações

1 Disponível no domínio público virtual: https://pt.batchgeo.com/map/4a4859cea515c876bb098c889d515414

e desafios, como se relacionam entre si, buscando verificar a existência de valores e princípios éticos, sociais e culturais compartilhados por estes. Ademais, o mapeamento e ida a campo também possibilitaram verificar certas particularidades, orientações e restrições de como a Permacultura é exercida em cada região da Cidade.

Permacultura: a ascensão de uma cultura

A Permacultura foi fruto de um processo longo e dinâmico de estudos, experimentações práticas e formulações de conhecimentos empíricos entre Bill Mollison e David Holmgren. Segundo Ferreira Neto (2009), foi na década de 70, na Austrália, que David Holmgren havia recentemente ingressado na faculdade da Tasmânia, como estudante do curso de Design Ambiental, em Hobart. Holmgren já demostrava conhecimento histórico junto a sua família na militância ecológica e ambientalista e na faculdade estava buscando alguém que pudesse lhe orientar e possibilitar expandir suas pesquisas na linha que almejava. Em paralelo a isso, Bruce Charles (Bill) Mollison, que por anos já havia vivido em proximidade à natureza e de seus ciclos, e que havia sido docente na mesma faculdade por dois anos, até pedir demissão porque decide "isolar-se" um processo de imersão e experimentações em um terreno de dois hectares, acaba por conhecer David Holmgren em 1974, ao retornar de sua imersão para a faculdade, que o procura em busca de orientação. Porém foi justamente este terreno de Bill Mollison, campo de imersões, observações e experimentações conjuntas, que tornou-se o ponto de encontro entre diversas pessoas e de partida para muitas das formulações que viriam a ser alguns dos pilares fundamentais da Permacultura anos depois. A partir da contração das palavras permanência e agricultura, a ideia de uma cultura permanente tem em sua essência a busca por resultados de equilíbrio social, cultural, e, principalmente ambiental, que partem de um manejo ambiental e eficientemente sustentável e ético da e para a terra. Para tanto, há de se compreender que se a Permacultura é uma filosofia, ela é pragmática e toma os limites ecológicos de nosso poder e inteligência como fundamento para tudo o que é feito (HOLMGREN, 2013), o que também pode ser melhor explicado por Braham Bell (2005) quando diz que a Permacultura é o design consciente e a manutenção de sistemas agrícolas produtivos que têm a diversidade, estabilidade e resiliência dos ecossistemas naturais. É a integração harmoniosa das pessoas com a paisagem, que por meio do design permacultural produzem seus alimentos, energia, moradia e outras necessidades básicas materiais e não-materiais de forma sustentável e resiliente, ou seja, regenerativa e emancipadora. Portanto, a filosofia da Permacultura se amplia e materializa a partir da união harmônica dos potenciais humanos somados e do meio ambiente, potencializando a eficiência do racionalismo e consciência humana ao promover maior conexão com a natureza, com nossos saberes ancestrais, sobre o meio e sobre nós mesmos. De acordo com Silva (2013), há diversas facetas do percurso histórico da Permacultura no mundo e na América Latina. Chegando até ao cenário atual, alguns traços marcantes da Permacultura podem ser identificados e apresentados, assim como o trecho a seguir demonstra:

> Sem embargo, um dos aspectos mais notáveis e potencialmente emancipatórios engendrados pela Permacultura é a maneira pela qual o espaço é produzido, ou melhor, criado. Tendo por norte uma ética específica, a "criação permacultural do espaço" segue certos princípios de design e costuma valer-se de determinados objetos técnicos (tecnologias, materiais e técnicas de manejo e construção) que lhe conferem um caráter de contraponto em relação à destruição criativa, à homogeneização, à ineficiência energética, ao desperdício, à alienação generalizada, à super exploração dos seres vivos e dos bens naturais, entre tantas outras características que têm singularizado, até hoje, a produção capitalista do espaço. (SILVA, 2013, p. 181)

Segundo o autor, a "criação permacultural do espaço" é uma oponente à tendência de mercantilização do espaço, desperdícios, desigualdades e consequente destruição dos recursos naturais, é a resultante de técnicas, práticas e materiais, que foram desenvolvidos ao longo de estudos práticos e teóricos de adaptação e aprimoramento dos saberes ancestrais, unidos às novas práticas de design. A Permacultura, enquanto filosofia pragmática de uma cultura da permanência, traça as linhas norteadoras para um design eficiente ambiental, social e energético em qualquer ação de manejo ético e sustentável da terra, visando também possibilitar uma cultura de permanência humana no planeta, que se opõe à produção capitalista do espaço. De acordo com o livro "Os fundamentos da Permacultura"[2], escrito por David Holmgren (2013), o conjunto de valores éticos e princípios práticos desta filosofia pragmática foram definidos desde o estabelecimento da Permacultura, tendo o tripé do cuidado com a Terra, o cuidado com as pessoas e a partilha justa (grifo nosso) como base para toda e qualquer ação permacultural. Segundo Holmgren (2013) são doze os princípios estabelecidos e que seguem sendo aplicados e ensinados até hoje, sendo eles descritos e explicados a seguir:

1. Observe e interaja – capacidade de observação e interação atenta, livre, cuidadosa e criativa das pessoas para com a natureza e o local e/ou objeto de observação, promovendo inspiração para o design aplicado a cada caso.

2. Capte e armazene energia – Opondo-se a conceitos inapropriados de riqueza, acúmulo e consumo desenfreado, este princípio prega a busca por capturar e otimizar o uso de formas, fluxos e energias renováveis – tal qual o Sol, vento, fluxos de escoamento de água – e não-renováveis de energias – como recursos que sobram ou são desperdiçados de atividades agrícolas, industriais ou comerciais. Busca-se com esse princípio utilizar as riquezas existentes de modo a se fazer investimentos de longo prazo no capital natural.

3. Obtenha rendimento – Significa planejar um sistema para que seja possível obter autossuficiência em todos os níveis – incluindo nós mesmos e o momento presente – por meio de uma

2 HOLMGREN, David. Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade. / David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416p.

produção útil e imediata que satisfaça as necessidades de sobrevivência.

4. Pratique a autoregulação e aceite o feedback – Com um melhor entendimento de como atuam na natureza os feedbacks positivos e negativos, torna-se possível desenhar sistemas que são mais autorreguláveis, reduzindo assim o trabalho despendido em ações corretivas desagradáveis. É a busca pelo ideal de um sistema que se auto alimente.

5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis – Serviços e recursos renováveis são aqueles que são renovados e repostos por processos naturais ao longo dos períodos de tempo razoáveis, sem a necessidade de grande insumos não renováveis. Busca-se, portanto, utilizar da melhor forma os recursos naturais renováveis para administrar e manter os rendimentos.

6. Não produza desperdícios – Significa não poluir e não deixar escapar energias de processos dentro do sistema permacultural. Significa reaproveitar, equilibrar ou realizar a manutenção de elementos do sistema para que a energia não "escoe" e se perca, sendo inutilizada e desperdiçada. A minhoca é o símbolo deste princípio, pois remete a ideia da minhoca, como todos os organismos vivos, é parte da rede onde o que uns produzem serve de insumo para outros.

7. Design partindo de padrões para chegar aos detalhes – Este princípio evoca o planejamento por zonas e setores – sendo este o aspecto mais conhecido e aplicado no design de Permacultura. Compreender e identificar qual é o padrão adequado para determinado design é mais importante do que entender todos os detalhes dos elementos do sistema. Busca-se a aplicação de modelos e sistemas comuns e simples para que depois seja possível aprimorar em função das especificidades de cada projeto.

8. Integrar ao invés de segregar – Conscientização sobre a importância dos inter relacionamentos no design de sistemas autossuficientes, tendo em vista a ideia de que cada elemento exerce muitas funções e que cada função importante é apoiada por muitos elementos. Este princípio também faz referência à noção cultural de cooperativismo e de inter-relacionamentos benéficos e simbióticos, enquanto construção de uma comunidade ou sistema integrado forte.

9. Use soluções pequenas e lentas – Os sistemas devem ser projetados para executar funções na menor escala que sejam práticos e eficientes no uso de energia para aquela função. A escala e a capacidade humanas deveriam ser a unidade de medida para uma sociedade sustentável democrática e humana.

10. Use e valorize a diversidade – A grande diversidade de formas, funções e interações na natureza e na humanidade são a fonte da complexidade sistêmica que evolui ao longo dos tempos. O papel e o valor da diversidade na natureza, cultura e Permacultura são dinâmicos, complexos e, às vezes, aparentemente contraditórios em si mesmos. A diversidade necessita ser

vista como o resultado do equilíbrio e da tensão existente na natureza entre variedade e possibilidade de um lado, e de produtividade e força do outro. A diversidade proporciona um seguro contra peças que a natureza e a vida cotidiana nos pregam.

11. Use as bordas e valorize os elementos marginais – O design que vê a borda como uma oportunidade ao invés de um problema tem maior probabilidade de êxito e de ser mais flexível. Este princípio funciona com base na premissa de que o valor e a contribuição das bordas e os aspectos marginais e invisíveis de qualquer sistema deveriam não apenas ser reconhecidos e preservados, mas que a ampliação desses aspectos pode aumentar a estabilidade e produtividade do sistema.

12. Responda criativamente às mudanças – Realizar um design levando em conta as mudanças de uma forma deliberada e cooperativa, e responder criativamente ou adaptar o design às mudanças de larga escala do sistema que escapam ao nosso controle e influência. A Permacultura diz respeito à durabilidade de sistemas vivos naturais e da cultura humana, mas essa durabilidade paradoxalmente depende em grande parte de certo grau de flexibilidade e mudança.

Retomando o processo de estabelecimento e desenvolvimento histórico da Permacultura, foi ao longo da década de 1970 que Bill Mollison (2002) e David Holmgren (2013) começaram a desenvolver diversos estudos práticos, teóricos e acadêmicos sobre o tema da Permacultura, e em pouco tempo pessoas e grupos de toda Austrália já estavam aderindo aos preceitos da filosofia assim como as técnicas envolvidas, disseminando e praticando o conjunto de conhecimentos que estavam sendo elaborados e desenvolvidos a cada vivência. Ainda segundo Silva (2013), já na década de 80 a filosofia começa a ser absorvida por outras partes do mundo, a partir da elaboração do curso de formação PDC (Permaculture Design Course), organizado com base em uma estrutura curricular básica e universal, e que em pouco tempo se consolidou como modelo para a formação de integrantes e instrutores e estimulou a criação de diversos institutos ao redor do mundo, bem como o estabelecimento de redes de contato e de intercâmbio, configurando-se, posteriormente, em diversos encontros em níveis regionais, nacionais e internacionais e, por fim, nas primeiras conferências internacionais, ou IPC's (Internacional Permaculture Conference), tendo a primeira Conferência Internacional de Permacultura realizada no início dos anos 1980 em Rowlands, Austrália, como exemplo, que oficializa e legitima o crescimento do debate internacional em torno do tema da Permacultura. No decorrer da década de 1980 e década de 1990, o movimento se intensifica com mais publicações acadêmicas, periódicos, revistas e até programas de televisão, e, em paralelo ao crescimento de grupos alternativos de organização social e de produção espacial, a Permacultura se consolida nos anos de 1990, em simultânea oposição à globalização do capitalismo neoliberal.

A Permacultura no Brasil, ou o movimento permacultural brasileiro, segundo Silva (2013), tem o início marcado oficialmente a partir do curso de

formação realizado por Bill Mollison e Scott Pittman em 1992, em Porto Alegre, à convite da Prefeitura Municipal da Cidade. Impulsionado pelas discussões da ECO 92, o movimento ganha força rapidamente através da criação dos primeiros, e até hoje muito influentes, institutos nacionais de Permacultura, dedicados à formação, capacitação e difusão da Permacultura no Brasil, tais como o Instituto de Permacultura da Pampa – IPEP, em Rio Grande do Sul, Bagé, criado em 2000 e que funciona até hoje, o Instituto de Permacultura da Amazônia – IPA- em Amazonas, Manaus, criado em 1997 e que funcionou até 2012, o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado – IPEC, em Pirenópolis, Goiás, criado em 1999 e que existe até hoje, o Instituto de Permacultura da Bahia – IPB, na Bahia, Salvador, fundado em 1992 e que funciona até hoje, o Instituto de Permacultura Austro Brasileiro – IPAB, em Florianópolis, Santa Catarina, que se transformou na Rede Permear e o Instituto de Permacultura da Mata Atlântica – IPEMA, em Ubatuba, São Paulo, criado em 1999 e que existe até hoje. Vale ressaltar que dos 6 institutos nacionais criados, dois se converteram em outras iniciativas, sendo o Instituto de Permacultura Austro Brasileiro – IPAB, que se transformou em Rede Permear, um coletivo de permacultores que promovem diversas ações de formação e difusão de conhecimentos em locais distintos, e o Instituto de Permacultura da Amazônia, que passou a fazer parte da Escola Agrotécnica Federal de Manaus – IFAM. Segundo Silva (2013) a consolidação da Permacultura no Brasil ocorreu em 2007, com a realização da 8° Conferência Internacional de Permacultura (IPC8), organizada pela ONG Permacultura Latino-americana (PAL) e pela Rede Brasileira de Permacultura, e que reuniu em suas atividades o total de 570 pessoas, dentre permacultores, pensadores, empresários, representantes de instituições financeiras e de Organizações Não Governamentais – ONGS – advindas de 42 países, que se reuniram na Cidade de São Paulo, Brasil. No mesmo ano da 8° Conferência, David Holmgren, um dos criadores da Permacultura, também veio para o Brasil e ministrou cursos avançados de Permacultura em Brasília, Bahia, São Paulo e em Santa Catarina. O desenvolvimento e crescimento da Permacultura no Brasil e no mundo seguiu em progressão nos anos subsequentes, porém marcados cada vez mais pela presença dos interesses privados em absorver o ideal ambientalista como imagem empresarial de responsabilidade e sustentabilidade ambiental, uma vez que a problemática ambiental ganhava espaço nas discussões globais e, por consequência, nos grandes canais de comunicação, onde, a exemplo do efeito estufa, a população mundial começou a voltar mais atenção para as questões 30 ambientais, assim como as empresas, que também detectaram neste contexto, novas estratégias de marketing. Ou seja, o mercado tentando se aproximar com vistas ao marketing. Dentro dessa perspectiva, Silva (2013), discute sobre as facetas deste processo ao dizer que

> [...] se é verdade que a popularização mundial da Permacultura, ocorrida ao longo dos últimos vinte anos, se deu em acordo com a absorção e a domesticação do discurso ambientalista pelo establishment, é igualmente correto que, no mesmo período, abriram-se-lhe novas possibilidades que reforçam seu caráter "contracultural" e potencialmente liberador, sobretudo devido ao acercamento com os movimentos de oposição despontados na década

> de 1990 e, mais significativo ainda, ao estabelecimento de alianças horizontais construídas com as classes trabalhadoras que conseguiram ir para muito além da filantropia capitalista. (SILVA, 2013, p. 173)

Assim, o fenômeno permacultural, sua criação e seu boom de disseminação pelo mundo proveio de fortes discussões políticas, culturais e ambientais que permearam o mundo entre os anos de 1960 e 1970 e que repercutiram e seguem se reinventando até os dias de hoje, mas foi a partir dos anos 90 que o movimento de reivindicação ambientalista passou também a ser um discurso integrado pelo setor privado. Neste cenário, a Permacultura se aproxima, principalmente, acerca das experiências de organização social e produção espacial "alternativa", que buscavam romper com a "cultura espacial", marcada entre outras coisas, pela supremacia do valor de troca e da propriedade privada, pela superexploração dos seres humanos e dos bens naturais, pela alienação generalizada e pela tendência à homogeneização (SILVA, 2013). Torna-se possível, assim, identificar no bojo da Permacultura neste caso, o ideal de contracultura frente às facetas homogeneizadoras de produção do sistema capitalista, partindo, a princípio, de uma compreensão mais aberta e abstrata de contracultura, definida por Pereira (1986) como

> Um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica (...) que de certa maneira "rompe com as ordens do jogo" em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação (...). Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações e costuma ter um papel fortemente revigorador na crítica social. (PEREIRA, 1986, p. 73)

Uma contracultura torna-se, portanto, a resultante de diferentes modos de contestação, estranhamento e até oposição frente às diversas imposições da ordem dominante e statuos quo, que emergem de maneira orgânica, dinâmica e contextual ao contrapor os valores e condutas dominantes, promovendo, por consequência, que novos paradigmas sociais surjam, conceituados por Capra (2006) como uma constelação de concepção, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base como a comunidade se organiza. A "contracultura espacial" é uma possível esfera de contracultura que a Permacultura representa, compreendendo o termo como expressões pontuais de valores, princípios e práticas distintos daqueles que costumam guiar a produção capitalista do espaço (SILVA, 2013), **podendo ser conceituada mais brevemente como microexperimentos de produção socioespacial, geralmente de caráter comunitarista, que nascem como tentativas de subversão à ordem dominante** (DAMIANI, 2001, grifo nosso). É importante destacar também a grande influência que o meio urbano representa para o desenvolvimento desta contracultura espacial contemporânea e para o próprio crescimento e expansão mundial da filosofia e práxis da Permacultura, já que a cidade muitas vezes representa o ponto de encontro e de troca cultural e intelectual. Verifica-se que a contracultura espacial pode ter seus

primeiros vestígios identificados desde o século XIX, na Europa, frente às implicações e múltiplas crises que a industrialização, provocando os primeiros esboços da sociedade urbana, estava gerando, permitindo, assim, compreender este tipo de experimentação espacial já naquela época (SILVA, 2013). Nota-se, porém, como esta relação entre sociedade, meio urbano e sua influência aos movimentos "alternativos", acabam por filtrar as pessoas que aderem a movimentos de contracultura espacial, pois na contemporaneidade a Permacultura e, consequentemente, seu efetivo desenvolvimento ocorre em determinadas regiões, assim como discorre o autor:

> [...] na maior parte das vezes, os princípios, técnicas e práticas Permaculturais acabaram restritos a um reduzido círculo de indivíduos (compostos por basicamente ambientalistas, 32 agroecologistas, entusiastas do movimento de ecovilas e integrantes de movimentos "alternativos"), vindos quase todos das classes médias urbanas e para os quais a mudança do estilo de vida e a edificação dos espaços auto gestionados e sustentáveis configuram as principais estratégias de luta para superar a situação de alienação e de estranhamento generalizado vivenciada na modernidade capitalista. (SILVA, 2013, p. 166)

Dessa maneira, pode-se entender que quanto maior o potencial crítico de determinado grupo urbano, ocorrido em função do acesso à informação que se tem, torna-se igualmente possível o potencial destes para aderir a ideologias alternativas, a fim de "superar a situação de alienação e de estranhamento generalizado vivenciada na modernidade capitalista.", como exalta Silva (p.166, 2013). Portanto, ainda considerando o autor, por mais que a Permacultura seja um filosofia altamente inclusiva e comunitária e de aplicação prática ambiental em espaços que sejam capazes de receber e possibilitar tais ações, ainda sim está mais voltada, acessível ou, até mesmo, restrita aos círculos urbanos e aos seus moradores, pois é neste recorte espacial que informações sobre esta nova filosofia/ideologia circulam inicialmente. No meio urbano, alguns indivíduos que compartilham de diferentes interesses "alternativos", modos de contestação, estranhamento e oposição, relacionados à contracultura, frente às imposições da ordem dominante, acabam por se contatar, organizar e promover novos movimentos, dentre eles, a Permacultura, enquanto forma de combater princípios da modernidade capitalista que julgam estar errados. Assim, compreendendo o longo percurso desde o surgimento da Permacultura na Austrália nos anos 1970, oficialmente em âmbito acadêmico, seguido de grande crescimento e rápida adesão fora dele, a Permacultura foi e é uma filosofia apropriada rapidamente por movimentos alternativos no mundo – e ainda mais intensamente em meio urbano – e que simboliza a representação de valores, ideais e ações pragmáticas que buscam utilizar o máximo potencial energético do ambiente, sem degradá-lo, e em prol da autossuficiência do espaço, caracterizado por obter dele alimentos, energia, água, serviços ambientais e moradia (Holmgren, 2013). Como buscou-se evidenciar neste breve histórico e conceituação 33 sobre o tema, com o passar dos anos a Permacultura foi sendo cada vez mais difundida pelo mundo, promovendo a formação de institutos, conferências e diversos cursos de formação, fazendo com que se formasse e fortalecesse uma rede de ação e colaboração

prática e tecnológica, enquanto movimento e fenômeno sociocultural, para que cada vez mais pessoas possam conhecer, aprender, aplicar e disseminar a Permacultura em suas vidas e na sociedade, a fim de combater, ainda que indiretamente, o modo de produção do sistema capitalista, orientados por meio da mudança de paradigma social enquanto processo de transformação cultural, tido para Capra (2006) como uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza. Seria essa uma revolução silenciosa, baseada em promover mudanças coletivas de hábitos cotidianos sociais, culturais e ambientais, em prol de maior sustentabilidade, cooperativismo e horizontalidade, evitando o confronto e desgaste com práticas dominantes, ao passo que cresce rapidamente ao se estabelecer nas práticas do dia a dia?

Estado da arte: permacultura no Brasil

O presente levantamento sobre o estado da arte em Permacultura no Brasil teve como objetivo identificar a produção bibliográfica de estudos no País que associam seus objetos de estudo com o campo da Permacultura e, adicionalmente, contribuir para a revisão da literatura em novos estudos na área. Este levantamento buscou dar voz e visibilidade para estudos relacionados ao tema da Permacultura, como reflexo de um movimento que vem crescendo no País, seja dentro da universidade ou fora do âmbito acadêmico. O levantamento e coleta de dados das dissertações e teses produzidas e publicadas de 2001 a 2016 – constatando já inicialmente que antes de 2001 não houve estudos científicos que abordavam o tema – se baseou no método de pesquisa *online*, por meio da consulta à plataforma de teses e dissertações da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ao BDTD – Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações e a plataforma online de teses e dissertações da USP – Universidade de São Paulo. A presente etapa deste trabalho procurou, também, a partir do mapeamento de categorias previamente definidas – **Cultura e Educação; Turismo; Design, Sustentabilidade e Agroecologia; Meio Urbano** (grifo nosso), detectar as frentes de estudo e de conhecimento em torno do tema central. As categorias foram definidas em função do agrupamento de estudos que continham temas, problemáticas e/ou metodologias semelhantes, a fim de promover uma análise mais aprofundada e focada nos temas centrais desta pesquisa – o meio urbano e a Permacultura. Portanto, esta revisão de Estado da Arte em Permacultura no Brasil, separada e analisada pelas categorias acima, teve a função de identificar elementos para que seja possível compreender o atual panorama científico acadêmico dos estudos sobre Permacultura no Brasil nos últimos anos e identificar em quais frentes está sendo mais desenvolvido.

Quanto a constatações, destacam-se: o aumento crescente de estudos ao longo do tempo, ainda que seja pequeno número de produções acadêmicas que abordam a área da Permacultura; a quantidade também pequena de estudos que direcionam a

reflexão acerca do meio urbano; a ausência de produções acadêmicas advindas da área da Filosofia, Ciências Sociais e Estudos Culturais; a ausência de estudos específicos que relacionam Permacultura e Município de São Paulo, como recorte espacial ou objeto de estudo, e, por fim, a inclusão contínua de novos estudos nas plataformas de pesquisa e banco de dados, fazendo com que a amostra de estudos disponíveis esteja diretamente relacionada a cada período de consulta realizado. Ainda sim, a amostra de 35 estudos, coletados entre os meses de Março a Abril (com início em 20 de Março e final em 03 de Abril de 2016) nas plataformas de teses e dissertações da USP, CAPES e BDTD (Banco Digital Brasileira de Teses e Dissertações) representam uma realidade proporcional, quantitativa e qualitativamente, a uma amostragem que poderá ser feita em períodos futuros, ou seja, a medida que o levantamento e coleta de dados seja periodicamente realizado, ainda que nas mesmas plataformas e banco de dados, será provável encontrar um número cada vez maior de estudos sobre Permacultura no Brasil, possivelmente diversificando em regiões e áreas de atuação, tendo em vista a tendência de crescimento de estudos acadêmicas na área, já constatada pelo presente Estado da Arte, que também, ao mesmo tempo, visou estimular para que tais atualizações sejam feitas posteriormente. Quanto aos pontos chave de conteúdo dos cinco estudos selecionados e pertencentes à categoria de "Meio urbano" – selecionados para uma análise mais aprofundada em função de sua relação com o objeto de estudo desta pesquisa – destacam-se a predominância da realização do levantamento e revisão bibliográfica sobre Permacultura, abordando seu histórico, desenvolvimento e verificando aplicações que dialoguem com as respectivas linhas de pesquisa. Também verificou-se o uso do instrumento metodológico "Estudo de caso", em que exploraram assentamentos humanos e loteamentos residenciais em recortes urbanos específicos, sendo complementados pela composição de diretrizes e *check list* que norteiam planejamentos ambientais urbanos. Por fim, a verificação unânime da Permacultura como uma ferramenta muito eficiente para a renovação de espaços e assentamentos humanos e urbanos, em prol de mais sustentabilidade, autossuficiência e retomada de conexão com o espaço de moradia e meio urbano, representa a temática central que os cinco estudos abordam e buscam comprovar por meio de aplicação prática.

A permacultura em São Paulo

O cenário de Permacultura no Município de São Paulo acaba por ressaltar a grande expansão de ações e discussões que o tema e filosofia têm gerado e que pode gerar, induzindo a necessidade de um olhar sobre este processo e atores envolvidos. Como forma de introduzir este cenário, estão descritos no quadro a seguir as 38 organizações e grupos de Permacultura, ou que se relacionam com o tema, existentes no Município de São Paulo, previamente identificadas, por meio de pesquisa online. O critério de seleção utilizado para a composição deste quadro consistiu em verificar as organizações e grupos, limitadas ao recorte geográfico do Município de São Paulo, com ações legitimadas por portfólio online e que apresentem ações constantes relacionadas à Permacultura, englobando desde o

plantio, em hortas, oficinas de bioconstrução e captação de água da chuva, cursos de formação, consultorias e instalações, entre outras ações que promovem e difundem conhecimentos da área. O levantamento foi realizado entre os meses de Março a Agosto de 2016 e depois revisado e atualizado entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 2018 e, a partir da análise dos dados obtidos, foi possível constatar alguns dados relacionados às categorias e áreas de atuação, assim como sobre as zonas do Município em que estas organizações e grupos se encontram.

Dentre as áreas e categorias resultantes do levantamento de organizações e grupos atuantes no Município de São Paulo, foi possível identificar 6 grandes categorias, baseadas a partir do que o próprio local ou grupo se definia ou pelo ramo de atuação que se enquadra, sendo: Instituto / Associação / ONG (9); Empresas (6); Coletivo / Consultoria (8); Espaço e Gestão pública (6); Centro cultural, comunitário e/ou de ensino (8); Comunidade Virtual (1) . Em relação à distribuição em que se encontram os grupos e organizações ao longo das zonas do Município, dentre Zona Norte, Zona Oeste, Zona Sul, Zona Leste e Centro, foi possível perceber que há uma majoritária presença destes na região Oeste da Cidade, contendo 15 organizações, já a Zona Sul foi a segunda com maior número de organizações e grupos presentes, totalizando 8, em seguida a região do Centro com 6 organizações e a Zona Leste com 2 grupos de Permacultura fixados na região. Optou-se também por considerar a zona virtual, ou seja, espaço virtual que existe por meio de páginas em redes sociais, sites ou fóruns disponíveis e *online* na *internet*, porém que não tem espaço físico de atuação. Nesta categoria de zona virtual, foram identificadas 5 organizações e/ou grupos de Permacultura que existem e atuam por meio deste espaço virtual. Houveram também duas organizações que pertencem à categoria "Todas", justamente por estar presente ou ter o potencial móvel de estar presente em todas as zonas de São Paulo, como é o caso do SESC – equipamento específico de lazer – e o coletivo de pessoas conhecido como Permaperifa, que realiza ações em diferentes favelas e comunidades periféricas no Município de São Paulo e que não conta com espaço físico. Há grande diferença na disposição e quantidade de grupos e organizações de Permacultura no Município de São Paulo, onde é notável a concentração na Zona Oeste e Zona Sul, mesmo tendo grande parte da malha verde no extremo Sul da Cidade e na Zona Leste da Cidade. Ademais, o presente mapa também possibilita um processo de cartografia sensível, pensando a disposição espacial enquanto subjetividades, territórios e representações, assim como Rolnik (1989) conceitua a cartografia, enquanto processo que acompanha e se faz ao mesmo tempo com o desmonte de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos, fazendo com que paisagens psicossociais também sejam cartografáveis.

Os atores, as ações e os valores de permacultura em São Paulo

As 6 idas à campo e entrevistas foram realizadas no mês de Abril de 2018, com as organizações em seus respectivos espaços,

com as organizações Pra Melhor Ambiental – Zona Virtual, Arboreser – Zona Norte, Vila Itororó – Centro, Quebrada Sustentável – Zona Leste, UMAPAZ – Zona Sul e Casa da Cidade (e Coletivo Permasampa em conjunto) – Zona Oeste. As entrevistas também foram registradas por imagem, visando a produção de um minidocumentário a partir das informações de ações, relatos de atores e paisagens coletadas nas idas de campo e entrevistas realizadas, feito com o intuito de não só divulgar a pesquisa produzida, as ações e valores em que o movimento de Permacultura na Cidade se baseia, mas como também dar voz a alguns dos atores que promovem este fenômeno sócio cultural.[3]

As informações, dados e relatos passados pelos entrevistados foram de grande valia para esta pesquisa, gerando um conteúdo crítico muito interessante em cada resposta, onde em algumas perguntas muitos relatos se assemelham, enquanto em outras, devido às particularidades de cada organização, em muito se diferenciam. Frente ao surgimento de novas problemáticas ambientais, novas demandas, novas técnicas e discussões provenientes deste século, muito houve de semelhança em relação ao contexto ou motivação para o surgimento das organizações, onde o elo chave que conectou todos foi: a demanda coletiva pelo tema. Houve – e há – um público que, por meio da Permacultura, estava buscando se inteirar, participar e promover novas técnicas ambientais, ecológicas e sustentáveis, como no caso da Pra Melhor Ambiental e da UMAPAZ, ou se envolvendo em debates políticos sobre o que poderia ser feito pelo meio ambiente no meio urbano, como no caso do Instituto Casa da Cidade, sobre como recuperar antigos espaços e promover novos usos, como no caso da Vila Itororó, sobre como intervir ativa e politicamente nos espaços da Cidade, promovendo saúde e autonomia por meio de agroecologia, agricultura urbana e Permacultura, como nos casos do Arboreser e Quebrada Sustentável, e acima de tudo, como fazer com que as pessoas pudessem se reconectar à sabedoria ancestral da natureza e com si mesmos, explorando criatividade, autonomia e fortalecendo a coletividade por meio das práticas de Permacultura. Considerando que a filosofia, técnica e discussão da Permacultura são recentes, assim como os paradigmas da abundância, da resiliência e da reconexão que ainda estão começando a ser absorvidos por parte da população urbana em suas atividades ecológicas e de meio ambiente, o próprio surgimento das organizações entrevistadas e consideradas como amostra, ocorreu nestas últimas décadas, entre 2000 a primeira e 2015 a última, indicando que o processo temporal em que a Permacultura vem se expressando e crescendo por meio destes espaços, organizações e atores. Assim como Capra (2006) defende, a mudança de paradigmas requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores.

As organizações também se assemelham na maneira como interferem ou interagem com os campos de economia e política, sendo por meio de participação em debates políticos, votações, em CADES – Conselhos Municipais do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, como é o caso do Pra Melhor Ambiental, do Instituto

3 Minidocumentário "Permane(sendo) na Cidade" está disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=MeuEnl7hnvs

Casa da Cidade e do Quebrada Sustentável, ou mesmo pela ação direta de ocupação de espaços públicos, como é o caso do Arboreser, ou pela ação institucional de promoção de cultura, conscientização do meio ambiente e ações educativas, como é o caso da Vila Itororó e UMAPAZ. Porém é interessante ressaltar que todas operam também por meio do campo da educação, promovendo oficinas, palestras, cursos, encontros, feiras de trocas acerca do tema da Permacultura, onde alguns ocorrem de maneira paga, como prestação de serviço, e outras de maneira gratuita e institucional, por meio do serviço público. Enquanto no campo da economia e meio ambiente, muito se assemelham também pela promoção da economia solidária, criativa, colaborativa e verde, por meio do incentivo ao consumo, compra e venda de produtos artesanais e não industriais, alimentos orgânicos e produtos de produtores rurais, visando fortalecer uma rede de consumo sustentável e que não gere tantos desperdícios e resíduos prejudiciais ao meio ambiente, além de também sempre incentivar a autonomia nos processos do dia a dia, por meio de hortas coletivas e comunitárias, multirões para bioconstruções e o compartilhamento de saberes. Considerando também que o próprio meio urbano imprime as limitações, por vezes deixando a autonomia dos grupos e ações de Permacultura em segundo plano, onde as pessoas envolvidas buscam fazer o possível e o que está ao alcance de ser feito por quem vive na Cidade e da Cidade. Ainda sim, boa parte das ações e organizações de Permacultura seguem concentradas nas regiões Oeste e Sul da Cidade, o que destaca a dificuldade e possível oportunidade de desenvolver e promover ações de Permacultura nas outras áreas, porém sempre há a necessidade de considerar as particularidades e necessidades de cada recorte geográfico, que carregam em si grandes diferenças de acesso, estrutura, recurso e até mesmo de demanda que busque os conhecimentos da Permacultura, por isso é tão importante a busca pela descentralização por meio do compartilhamento de saberes em Permacultura.

Há uma rede de cooperação e colaboração que movimenta a Permacultura no Município de São Paulo. Os atores envolvidos, assim como as organizações representadas por eles, mostraram ações em comum, ou mesmo em conjunto, como é o caso do PDC – Permaculture Design Course, promovido pelo coletivo Permasampa no Instituto Casa da Cidade, ou mesmo pela Pra Melhor Ambiental que já sediou cursos na UMAPAZ, ou mesmo o Quebrada Sustentável que já foi base para tutorias do PDC do coletivo Permasampa e que também realiza atividades em diversos SESC's do Município, assim como o espaço Arboreser, que também realiza cursos, feiras, oficinas em SESC's e atua também nos espaços públicos da Cidade, no fortalecimento das hortas comunitárias. A pequena amostra de 6 das 38 organizações identificadas no levantamento feito indicam que, as organizações não só estão conectadas entre si, mas como circulam, atuam e ocupam a Cidade com as suas ações, indo para além de seu espaço físico e formando teias, redes de ações pela Cidade, além de estar fortalecendo os laços entre as pessoas envolvidas. Tal militância coletiva também é reflexo dos valores e princípios relatados nas respostas, que muito se assemelham, em, por exemplo, cuidar da terra, cuidar das pessoas e promover a partilha justa, como citado pela Pra Melhor Ambiental, pela Quebrada Sustentável e pelo Coletivo Permasampa,

ou também pela busca da reconexão, no resgate da ancestralidade, no estímulo da criação, conscientização e capacitação das pessoas em prol de seres cada vez mais participativos, como nos casos do Arboreser, Vila Itororó, UMAPAZ e Instituto Casa da Cidade. Tais valores e princípios também são reconhecidos pela comunidade e público que recebe as ações destas organizações, que portanto também são vistos como espaços criativos, políticos, de reconexão, de troca, de diálogo com o poder público e políticas públicas de meio ambiente.

Compreendendo que a Permacultura é uma filosofia composta por uma série de valores, princípios e técnicas, os atores e organizações envolvidas atuam diretamente com o campo da educação, pois operam na transmissão de conhecimentos desta filosofia, sendo este também um grande canal de conexão entre as organizações em si, que promovem oficinas, cursos, encontros, trocas e intercâmbios entre si, com frequências que variam em função de demanda e espaço físico, mas que não se dispersam e enfraquecem, pelo contrário, ocorre um efeito sistêmico de contaminação de ações, onde cada vez mais ações e atores entram em um círculo de ações compartilhadas. Vale ressaltar que os recursos financeiros também muitas vezes são provenientes das ações educativas promovidas e por isso o fortalecimento do todo acaba fortalecendo cada parte envolvida, tendo em vista um processo de retroalimentação como via para a autonomia financeira. Assim, houve certa diferença entre relatos de dificuldades e desafios, pois onde para alguns a questão dos recursos financeiros, espaço físico e gestão não são problemas, como na Casa da Cidade, UMAPAZ e Vila Itororó, há locais onde isso é uma grande limitante, como no caso do Quebrada Sustentável. O entendimento e aceitação sobre a temática e proposta da Permacultura também pode ser considerada uma barreira, tendo em vista que o desafio na mudança do paradigma da escassez para o da abundância, a promoção de uma postura ativa, militante, criativa e resiliente também se torna difícil e pouco aceita onde a relação com o próprio entorno pode ser desafiadora, como é o caso do Arboreser, do Pra Melhor Ambiental e Quebrada Sustentável. Por isso, as oportunidades e potencialidades estão no extremo oposto, pois há uma tendência de crescimento e expansão de ações e multiplicadores em Permacultura, há uma necessidade global por mudanças de hábitos e mais responsabilidade ambiental, de uma politização e apropriação de espaços públicos, porém que pode ocorrer desde que cada vez mais conhecimento seja compartilhado, para até mesmo além da área da Permacultura.

Quanto aos relatos pessoais, a Pra Melhor Ambiental acredita em "Ensinar o sistema a sair do sistema, usando o sistema... mas usando sem abusar", o espaço Arboreser acredita que lá eles são um "Espaço para reconexão, criatividade e resiliência em prol da abundância", a Vila Itororó é "Espaço para e da sociedade, para ser ocupado e promover criação e libertação.", o Quebrada Sustentável acredita que "Resistência é amor" – processo de determinação: resistir para transformar, a UMAPAZ é "é um laboratório que cria junto com a sociedade civil", o Instituto Casa da Cidade é um espaço "Promoção de reflexão sobre a Cidade, sobre atuação política e quebra de desigualdades" e o Coletivo Permasampa acredita na "Educação para autonomia e descentralização". Todos trazem um recado de "libertação" de algo que os aprisiona ou molda. Nesse contexto,

algumas iniciativas tentam obter essa libertação mesmo amarradas no sistema e outras tentam se desvincular dele, como o caso explícito do Permasampa.

Considerações finais

A Permacultura, enquanto cultura da permanência, representa para além de um conjunto técnico de princípios de planejamento no espaço, visando a otimização ecológica da ação humana sobre o meio ambiente, mas como também representa diretamente um conjunto de valores de respeito à natureza e às relações humanas. Resgatando a conexão e relação com o meio ambiente no cotidiano e, por consequência, a valorização dos saberes ancestrais, que somados a atuação política ativa de discussão e reformulação dos espaços e das relações de poder, a promoção de economia solidária, colaborativa e o compartilhamento de excedentes – desde alimentos até conhecimentos, faz com que a Permacultura seja um fenômeno sócio cultural que promove a resiliência – entendida para fins desta pesquisa como a capacidade de voltar ao estado de equilíbrio e crescimento mesmo em meio às adversidades –, seja no meio ambiente, nos espaços urbanos, nas relações sociais ou mesmo no modo de vida de cada indivíduo. Após praticamente 50 anos desde o surgimento do termo, na década de 1970, na Austrália, a Permacultura é um movimento que segue crescendo nos diversos ramos de atividade da vida humana, para além de sua aplicação inicial na agricultura. No Brasil, desde institutos especializados em atividades de ensino e aprendizagem de Permacultura, como o Instituto de Permacultura da Mata Atlântica – IPEMA, o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Serrado – IPEC, o Instituto de Permacultura da Bahia – IPB, entre outros a nível nacional, mas também as organizações e grupos de Permacultura que promovem e difundem os conhecimentos, técnicas, ações e valores no meio urbano, como no Município de São Paulo, fazem com que a Permacultura não só se expanda por meio das pessoas envolvidas, como também faz com que suas técnicas sejam experimentadas, aperfeiçoadas e adaptadas à cada localidade e suas particularidades de público e espacialidade.

Tendo o objetivo geral desta pesquisa baseado em compreender como ocorre a Permacultura em São Paulo, por meio das ações que são promovidas e dos valores que são compartilhados entre os atores envolvidos, foram estabelecidos dois objetivos específicos, sendo eles: Identificar as regiões do Município de São Paulo em que grupos e organizações de Permacultura ocupam e atuam, quais as consequências em seu entorno e como dialogam com o meio urbano; e verificar a ocorrência de um fenômeno sociocultural ambiental e a existência de uma identidade cultural compartilhada entre atores de grupos e organizações de Permacultura presentes e atuantes no Município de São Paulo. As hipóteses sugeridas para cada objetivo foram confirmadas, por meio das ferramentas metodológicas utilizadas, constatando que as organizações e grupos de Permacultura estão distribuídos nas cinco zonas do Município de São Paulo – Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro –, porém ainda que estejam concentradas na Zona Oeste e Sul, há uma atuação diversificada, desde o ramo

empresarial, organizações independentes, institutos, centros culturais, até mutirões de voluntários e coletivos em áreas periféricas, e suas ações estão diretamente ligadas à região em que estão inseridos, às particularidades de cada espaço e ao público e demanda que se apresentam. Ademais, há grupos e organizações de permacultura que estão presentes estritamente na Zona Virtual. Quanto ao segundo objetivo e respectiva hipótese, verificou-se que os atores envolvidos com ações, projetos e ensino de Permacultura no Município de São Paulo evidenciam valores e traços de identidades culturais em comum – compreendendo identidade cultural para fins desta pesquisa como a maneira e os valores com que o indivíduo ou grupo se reconhece e representa, seja por meio de ações práticas, colocações ideológicas ou representações artísticas – que promovem e repercutem o saber desta cultura alternativa, por meio da união de contracultura espacial, economia solidária e colaborativa, ativismo político e ecológico, fazendo com que eles se tornem agentes ativos política, ambiental e socialmente, imersos em um fenômeno sociocultural ambiental que eles mesmos promovem e aumentam a cada ação.

O mapeamento e ida a campo também possibilitaram verificar certas particularidades, orientações e restrições de como a Permacultura é exercida em cada região da Cidade. Para a realização da entrevista semiestruturada aberta, foram selecionados como amostra, para fins desta pesquisa, uma organização ou grupo de cada categoria, analisando assim a natureza de cada tipo de empreendimento, e também um de cada região/zona do Município de São Paulo, buscando compreender como cada um dialoga, interage e repercute em seu entorno. Por meio das entrevistas semiestruturadas foi possível discutir como a Permacultura ocorre no meio urbano e, particularmente, em São Paulo, trazendo-a para o cerne da reflexão, enquanto elemento que tem o potencial de refazer laços urbanos. O ato de estar e ser na Cidade por meio da Permacultura possibilita um estado de resiliência, ao estar conectado com a natureza no e do meio urbano, ao promover alimentação saudável, habitação integrada à paisagem, técnicas e tecnologias sustentáveis, além dos momentos de encontros, trocas, compartilhamentos e conexão entre pessoas, que sustentam a promoção de uma cultura permanente em todos os seus aspectos. A Cidade e sua urbanidade, por sua vez, enquanto lugar de encontro, sociabilidade, serendipidade – enquanto o encontro feliz e casual com algo inusitado – faz com que a Permacultura possa ser ainda mais potente para as pessoas envolvidas, uma vez que promove uma troca cultural e ecológica direta entre seus atores, algo que para ocorrer exige um mínimo de identificação com o outro e de abertura com o desconhecido. O ensino e aprendizagem ativa ocorrem coletivamente e dinamicamente nas práticas de Permacultura, assim como a integração dos tempos sociais, onde o trabalho está atrelado a um contexto de compartilhamento e divertimento, e onde os momentos de tempo livre acabam tendo também serventia para a reflexão teórica das ações realizadas em "período de trabalho", promovendo, portanto, o ato integrado de um fazer manual e intelectual.

A existência de uma rede pragmática de contato, troca, ajuda mutua, compartilhamento de saberes, colaboração alimentar, energética e cultural, é o que sustenta e fortalece a Permacultura na

Cidade. Justamente por meio das conexões entre diversas identidades culturais de atores envolvidos, das ações promovidas, áreas e comunidades que interagem, e da convergência entre pontos de ação e atuação, somados a sensibilização por meio da militância em busca da superação de velhos paradigmas, que a Permacultura vem, cada vez mais, resgatando e recuperando a resiliência e harmonia com o meio ambiente por meio das pessoas, ainda mais nas sociedades urbanas. Assim, ações e práticas de Permacultura desenvolvidas, coletiva ou individualmente, representam uma performática social, que busca um diálogo direto com o meio em que estão inseridas, onde o meio urbano representa um estímulo direto para a reformulação e adaptação de técnicas, além da formação de redes. Em função dos aspectos particulares que o Município de São Paulo apresenta, foi verificado que há cada vez mais grupos e organizações que trabalham ou dialogam com o tema da Permacultura, por meio de diferentes naturezas de projetos e/ou empreendimentos, e que estão cada vez mais se espalhando por todas as zonas da cidade, estabelecendo assim a ocorrência de um fenômeno sócio ambiental, com potencial libertador e emancipador, que promove um desenvolvimento urbano mais ecológico na Cidade e que é acessível a todos, seja ambientalmente, economicamente, sócio e culturalmente, ou mesmo politicamente, sendo cada vez mais coerentes e atualizados frente aos paradigmas de nosso tempo e que abrem cada vez mais possibilidades para pensamentos críticos, análises e pesquisas seja no campo da Permacultura, como em outras áreas do saber. ■

[BÁRBARA MACHADO MAZZETTI]
Bacharel em Lazer e Turismo e Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH USP. É pesquisadora nas áreas de Lazer, Turismo, Estudos Culturais, Identidades, Permacultura, Dança e Produção Cultural.
E-mail: barbara.mazzetti@usp.br

Referências

BELL, Braham. **The Permaculture Way:** pratical steps to create a self sustaining World. London. Chelsea Green Publishing Company. 2005.

CABRAL, Amílcar. **La cultura, fundamento del movimiento de liberación**. In: Colombes, Adolfo (comp.). La Cultura Popular. 4.ed. México: Premiá Editora , 1984, 137-145.

CAPRA, Frijof. **A Teia da Vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais**. 2. ed. – Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HOGGART, R. (1957) **The Uses of Literacy**: Aspects of Working-Class Life with special reference to publications and entertainments. Londres, Chatto and Windus.

HOLMGREN, David. **Permacultura:** princípios e caminhos além da sustentabilidade. David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416p.

INSTITUTO DE ECOVILAS E PERMACULTURA DO CERRADO. **O IPEC** [site]. 2018. Disponível em: Acesso em: 10 jun. 2018.

INSTITUTO DE PERMACULTURA E ECOVILAS DA MATA ATLÂNTICA. **Sobre o IPEMA** [site]. 2018. Disponível em < http://ipemabrasil.org.br/#home>. Acesso em: 20 jun. 2018.

INSTITUTO DE PERMACULTURA E ECOVILAS DA PAMPA. **Sobre nós** [site]. 2018. Disponível em: <https://www.ipep.org.br/sobre-ns>. Acesso em: 10 jun. 2018.

INSTITUTO DE PERMACULTURA DA BAHIA. **UFBA Ecológica**: Permacultura. 2011. Disponível em: <http://www.ufbaecologica.ufba.br/programa.php>. Acesso em 20 jun. 2018.

JENKINS, Joseph. **THE HUMANURE HANDBOOK**: a guide to composting human manure. 3rd edition, Grove City, PA 16127, 2005.

MOLLISON, Bill. **PERMACULTURE**: A Designer's Manual. 2. ed. Australia: Tagari Publication, 2002. Disponível em: <102 https://docs.google.com/file/d/0BzsQQClGtr3W ZDUxZjRlNGItOWNiNi00ZmQ2LWIyMDMtZTIxODZlO DgwMDU4/edit>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PEREIRA, C. O. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROMERO, Jordi. El rebost de la ciutat. **Manual de Permacultura urbana**. Barcelona: Fundació Terra, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Luis Fernando de Matheus e. **Ilusão concreta, utopia possível:** contraculturas espaciais e Permacultura (uma mirada desde o cone sul), 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-07112013-113710/pt-br.php>. Acesso em: 24 ago. 2015 103

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**: A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. 210 p.

WILLIAMS, Raymond**. Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.